

CEDI

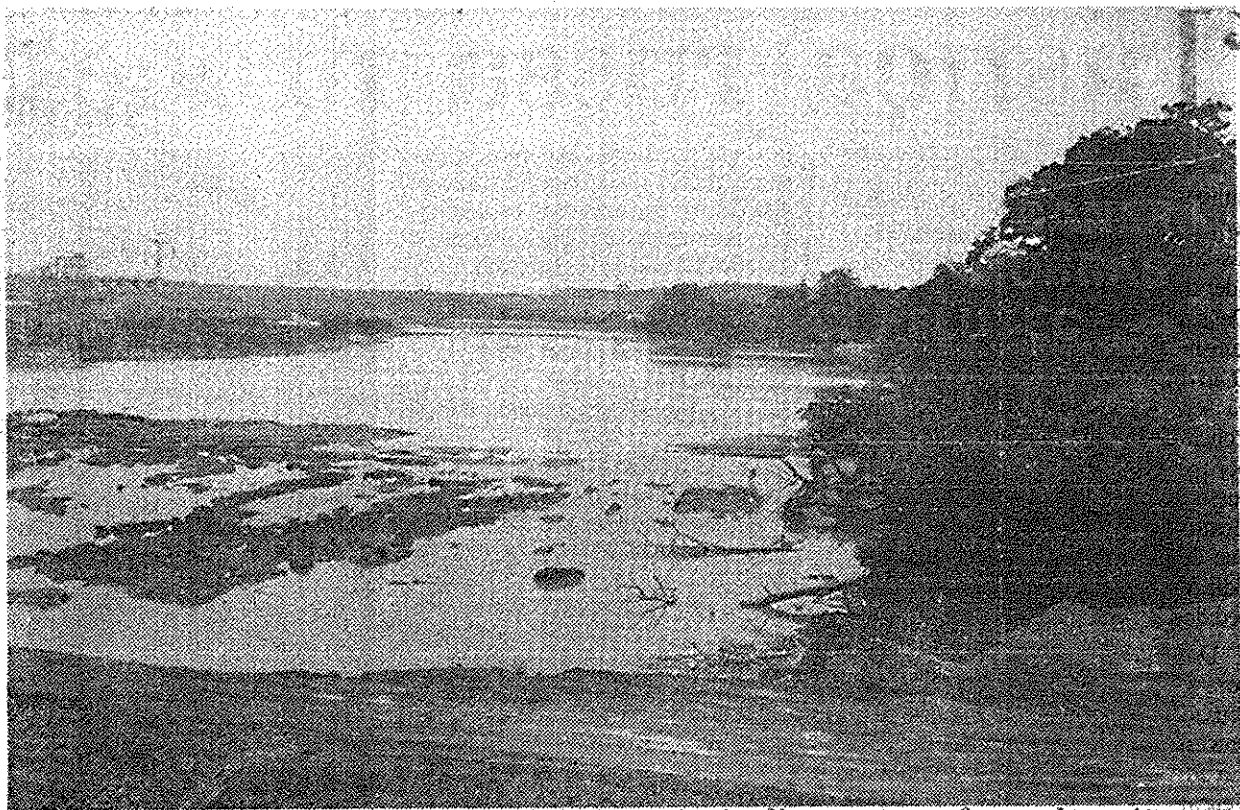
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: Energia / UHE 27

Data: 27/5/92

Pg.: 14



O represamento do Rio Uatumã, em Balbina, atingiu diretamente a fauna da região

Hidrelétrica transforma rio em um grande cemitério de peixes

Orlando Farias

MANAUS — Cinco anos depois do fechamento das comportas da hidrelétrica de Balbina, o Rio Uatumã continua dando poucos sinais de vida. Esse é o diagnóstico de 10 pesquisadores que revisitarão o Uatumã no começo do mês e o encontraram mais despojado do que nunca, correndo em direção ao Rio Jatapu, na divisa com o Pará, como um caudaloso cemitério de peixes ou como um paraíso de insetos instalado nas plantas aquáticas de folhas largas, como o mururu, que cobrem como um tapete boa parte da sua superfície.

Formada por pesquisadores da Universidade do Amazonas e Inpa, a expedição descobriu que a água apodrecida pela matéria orgânica expelida pelas árvores submersas já atinge uma área de 42 quilômetros abaixo da barragem. Os estragos afetaram nos últimos anos afluentes importantes, como o Abonari e Taquari, além do Pitinga, também represado.

Segundo um relatório preparado pelos pesquisadores que já estiveram no Uatumã em 89 fazendo o mesmo

acompanhamento científico, os danos causados ao meio ambiente inviabilizam para os próximos anos a recomposição da água, da população de peixes e da fauna da área.

Enquanto abaixo da barragem há uma constante mortandade de peixes causada pela contaminação da água, acima da hidrelétrica os peixes estão diminuindo assustadoramente, a ponto de não existirem mais espécies como jaraqui, tambaqui e curimatã. Entre dezembro de 91 e maio desse ano, o peixe mais abundante na região, o tucunaré, registrou uma queda em sua captura de 60 toneladas para 20 a 25 toneladas por mês.

As alterações mais profundas, entretanto, foram anotadas no comportamento dos ribeirinhos do Uatumã, que na década passada chegaram a concordar com a construção da usina, convencidos de que ganhariam melhorias como eletricidade e poços artesanais. A caça, por exemplo, que era a atividade esporádica antes do represamento do Rio Uatumã, de onde tiravam o peixe para alimento, passou a ser praticada permanentemente por 77% dos ribeirinhos, que introduziram também no

mesmo período o hábito da criação de animais para suprir a constante falta de alimentos. Aves como patos, que foram encontrados em 89 em poucas propriedades, agora são criadas por 54% dos ribeirinhos. A criação de porcos aumentou no mesmo período (89-92) de 15% para 38%. A galinha foi encontrada em 85% das propriedades.

Com o desaparecimento do tradicional regatão, impedido de navegar no rio e vender suas mercadorias por causa do represamento, os ribeirinhos trocaram produtos industrializados como café e açúcar pelo café cultivado e moído com pilão no próprio local e pela garapa da cana-de-açúcar. Todas as comunidades ao longo do rio, segundo os pesquisadores, continuam sem eletricidade e decresceram (em média 50%) populacionalmente nos últimos três anos, confirmando a desesperança que 50 moradores registraram numa carta endereçada ao presidente da República em junho de 90: "Com a abertura das comportas da barragem, todos os nossos sonhos, toda a nossa vida e todas as nossas ilusões ficaram afogados nas águas represadas pela barragem (...)".